

PATRIMÔNIO ESPIRITUAL DE RITA AMADA DE JESUS

*O Documento denominado **Patrimônio Espiritual de Rita Amada de Jesus**, trata-se de uma coletânea de depoimentos, sob forma de breves notas biográficas, elaborados à título de testemunho, pelas religiosas do Instituto Jesus Maria José que conviveram com a nossa Fundadora, a última das quais a falecer foi a Madre Maria da Conceição Garcia. Apresenta também a narrativa de registros históricos de fatos da sua vida e de sua obra, especialmente os ocorridos após ela ter concluído a redação da sua Autobiografia. Finalmente, narra os acontecimentos após a sua morte, quando da expulsão do Instituto Jesus Maria José de Portugal e, como consequência, da sua implantação no Brasil, com a vinda de sucessivos grupos de Irmãs.*

Esse texto histórico permite conhecer mais elementos, de importante significado, sobre a vida e o perfil de Rita Amada de Jesus, assim como a dinâmica pela qual o seu legado carismático foi preservado e transmitido, por meio das gerações que lhe sucederam, e chega até nós, suas filhas e filhos espirituais. Manteve-se aqui o linguajar da época em que o texto foi elaborado. Sua leitura exige que o leitor se transporte ao contexto social, cultural e religioso da época, a fim de compreender certas concepções e atitudes (*primeira metade do século XX*). A numeração dos artigos inicia-se com o número 110, a fim de dar sequência à numeração adotada para a Autobiografia de Rita Amada de Jesus (1-109).

I PARTE

110. Desde muito jovem manifestou grande zelo pela glória de Deus e salvação das almas.

111. Estando ainda na casa paterna, com que empenho procurava a regeneração das pessoas que sabia não terem vida regular!...

112. Não olhava a sacrifícios, parecia mesmo não recear expor a própria vida para conseguir a salvação daquelas pobres almas.

113. Visitava com frequência os doentes, sobretudo os pobres e mais abandonados, tendo em vista não só a salvação de suas almas, procurando-lhes os socorros espirituais, mas ainda não poupava esforços para suavizar os seus sofrimentos e dar algum conforto à sua miséria; por vezes, assistia-os nos seus últimos momentos.

114. A sua coragem e confiança em Deus eram inabaláveis. No início da sua Congregação, quanto não teve de lutar!... Já com falta de recursos (pois principiou a sua primeira fundação com \$400), como seus pais eram ainda vivos não tinha herdado nada, já com dificuldades, que surgiam continuamente, como acontece ordinariamente nas obras de Deus...

115. Por vezes, foi chamada aos tribunais para a dissuadirem de seu intento, mas não o puderam conseguir. A sua confiança em Deus dava-lhe coragem e esforçava-se a prosseguir.

116. Amava muito as crianças, a quem atraía por sua bondade e modos afáveis, com simplicidade encantadora tomava parte, por vezes, em seus folguedos, para as atrair a Deus e à virtude.

117. Com grande empenho e vigilância procurava que as crianças não perdessem a inocência, e recomendava às Irmãs essa mesma vigilância para com as alunas.

118. Tinha grande caridade com os pobres; nunca os despedia sem lhes dar alguma coisa, e desejava que as Irmãs fizessem o mesmo. Por vezes, despiu os próprios vestidos para os dar as necessitadas.

119. As suas conversações eram, ordinariamente, de assuntos espirituais, com o que muito nos edificava. Não consentia que, nas recreações, se tratasse de coisas seculares ou mundanas, mas de coisas úteis e edificantes.

120. O seu porte era grave e modesto, não deixando de ser agradável e jovial de forma que edificava e atraía as pessoas que com ela tratavam, ainda que fossem de sentimentos muito diversos dos seus.

121. Não só amava com carinho especial a virtude da pobreza, mas procurava incutir no coração de suas filhas espirituais esse amor. Recomendava-lhes com frequência grande cuidado em fugirem de toda a ocasião perigosa. Apreciava muito a virtude da pobreza religiosa. Nos seus vesti dos e aposentos sempre limpos e em boa ordem resplandecia esta virtude, pois eram simples e pobres.

122. Com que cuidado a nossa cara Fundadora previa tudo aquilo que de algum modo pudesse expor as suas religiosas!

123. A pureza e a humildade foram as virtudes que mais adornaram a sua bela alma.

124. Como era muito alegre, de carácter franco e expansivo, logo começou a ganhar a confiança dos habitantes da terra. O seu aspecto modesto, risonho, bom e nobre, contribuíram muito para todas lhe quererem bem. Falava com bondade a todos; animava, edificava e consolava. Dava conselhos muito maternais ou dava uma branda repreensão, segundo as necessidades. Encontrando-se com crianças, muitas vezes parava para as acariciar, dar-lhes um santinho, mimá-las e animá-las ao bem ou a perguntar-lhes o Catecismo.

125. Cheia de caridade e compreensão pelos pobres e necessitados, não os deixava passar necessidades, quando os podia socorrer. Mandava, muitas vezes, fazer marmelada, só para mandar às pessoas doentes e pobres.

126. Sabia cativar os corações de todos para os fazer amar a religião e ganhá-los para Jesus Cristo. Ela estava convencida de que a vida inteira depende dos princípios recebidos na infância, por isso é que tomou tanto zelo pela educação das meninas, sendo um dos pontos principais das suas «Constituições» – Receber crianças pobres e abandonadas. Não desprezou coisa alguma para as instruir a fundo nas verdades católicas, formá-las nas virtudes cristãs e incliná-las à piedade. Ensinava o Catecismo ela mesma ou por intermédio de alguma Irmã. Os olhos das suas pequenas ouvintes estavam fixos nela, de tal modo lhes prendia a atenção e excitava a curiosidade ouvindo as histórias que ela contava e com isso amenizava o Catecismo que se tornava mais proveitoso.

127. Não era só as crianças que instruíam nas verdades eternas, era também os adultos, de que tirou muito fruto. Para os adultos, falava-lhes muito dos «novíssimos do homem»: a morte, o juízo, o Inferno e o Paraíso. Não se pode dizer bem o que produzia nas almas com estas conversas familiares. Uma vez ensinava como deviam santificar as ações diárias e ordinárias; outras vezes, pedia para não praticarem tais e tais ações pecaminosas como: danças, namoros, rixas, etc.

128. Era muito amante da pobreza, e a sua imagem via-se em toda a parte, porque, dizia ela, a casa de Nazaré e o presépio de Belém também eram pobres, e as Filhas de Jesus Maria José devem parecer-se com os seus pais, desde o seu nascimento na religião.

129. Devem ter o cunho da pobreza e da humildade. O tempo das primeiras Irmãs, era o trabalho e a oração. Os exercícios de piedade eram muito bem cumpridos no princípio; depois foram modificados. No tempo do trabalho, as Irmãs recebiam muitas vezes a consolação de serem suas visadas com o auxílio da Revma. Madre Fundadora, que trabalhava com elas e com isso as encorajava. Ensinava-lhes também a sofrer todos os incômodos e falhas que sentissem em união com o que sofreram Jesus Maria José na sua vida mortal. Todo o tempo que lhe sobejava dos seus trabalhos, passava-o em companhia das suas Irmãs. As Irmãs também a amavam como sua verdadeira mãe e, na sua simplicidade, viviam com ela, como uma companheira, do que ela nunca mostrou o menor sentimento.

130. Muitas vezes, dizia às Irmãs o que Santa Teresa dizia às suas: Amar, sofrer e calar. Devemos trabalhar muito para fazer bem ao próximo. Sacrificarmo-nos nos trabalhos mais humildes e mais penosos, nas ocupações pouco agradáveis. Trabalheemos segundo os nossos modelos: Jesus Maria José. Não nos devemos envergonhar das ocupações humildes, vendo Jesus a trabalhar sendo Quem era.

131. Devemos também sofrer, dizia outras vezes, quando via as Irmãs cansadas. Devemos sofrer resignadas à pobreza, às contrariedades, ainda mesmo quando nos disserem: «Não há que comer em casa.»

132. Quando ouvia algumas Irmãs falando, dizia-lhes: Para que se possa falar com Deus facilmente, é preciso guardar silêncio. Sabem para que é preciso guardar silêncio? É para se concentrarem mais facilmente em Deus, ouvir-lhe a voz, os conselhos e as divinas inspirações. Se alguém não fala, mas está entretida em coisas vãs, também não guarda silêncio, porque não está aproveitando o tempo.

133. Algumas vezes, quando via todas caladas, perguntava à queima-roupa: Irmã F..., que estava a pensar, agora? Se a resposta não era piedosa, ela dizia: isto não é aproveitar o tempo.

134. Em tudo ela dava exemplo. Em tempo, não se esquecia de dizer um dito gracioso para animar, e sempre para avivar a presença de Deus.

135. Quando as Irmãs aqueciam o forno para cozer o pão, costumava dizer-lhes: Lembrem-se do fogo do Purgatório. Este é pintado, em comparação com o outro. E outras coisas semelhantes.

136. Às Irmãs noviças dizia: «A vocação é uma graça, a sua perda uma desgraça.» A uma noviça que estava muito descontente e queria voltar para o mundo, dizia: a perda da vocação, minha filha, é uma fraqueza. Quem entra na Religião e depois quer voltar ao que deixou, volta as costas à Mãe que a acolheu. Isso é uma traição. Por isso, a Religiosa que rompe com as suas promessas é uma traidora.

137. Por vezes, lastimava-se vendo as vocações tão raras. Profundamente convencida de que a vocação é um dom de Deus, dirigia-lhe ardentes súplicas para que lhe enviasse novas filhas.

138. Jesus, Maria e José inspiraram-lhe uma confiança sem limites. Já em Tourais, para onde tinham ido as Irmãs em 1888 (a primeira Casa própria do Instituto), sendo um prédio muito grande, foi preciso fazer alguns consertos, pois tinha junto algumas casas velhas que era preciso demolir. Chamou os pedreiros e começaram a trabalhar derrubando as paredes. A Madre Fundadora vendo, logo no primeiro dia, que os operários pouco fizeram e tendo pouco dinheiro, chamou as Irmãs e animou-as a irem, de noite, deitar as paredes por terra. Todas anuíram com muito ânimo. Depois que os operários se ausentaram, as Irmãs iam fazer a oração da noite e principiavam a destruição das paredes. Quando, pela manhã, chegavam os operários ficavam estupefatos pelo trabalho que as Irmãs tinham feito durante a noite. Podia-se fazer tudo isto, pois era murado. Pela manhã, iam à Missa e Comunhão e, depois do almoço, algumas iam descansar, e outras, depois do jantar. Todas estavam alegres e satisfeitas.

139. A Revda. Madre Fundadora, apesar de ser muito doente, não abandonava ou deixava as Irmãs, embora estas lhe pedissem carinhosamente que fosse descansar. Antes de dar a meia-noite mandava todas tomar algum alimento que tinha mandado preparar. Era muito amiga da santa pobreza e, muitas vezes, a experimentava duramente em si mesma. Quantas vezes, ao chegar a hora das refeições, não tinha nada para dar às Irmãs!... Ia à capela e vinha animada; daí a pouco, chegava alguma alma caridosa com uma esmola que ela logo distribuía e assim ficavam todas servidas.

140. Quantas vezes ficava ela sem nada para dar às Irmãs!

141. Uma vez, à hora da merenda, as meninas foram para a mesa e não encontraram nada para comer. Uma das mais pequenas começou a chorar. Ela veio e vendo a menina a chorar disse--lhe: «não chores menina, que o Menino Jesus já vai mandar uma coisa boa.» Veio uma senhora que trouxe oito maçãs e um pão pequeno. Partiu as maçãs em quatro partes e deu às crianças. Todas ficaram satisfeitas com um quarto de maçã e um bocadinho de pão. Então, dizia: «eu ainda fiquei mais satisfeita por ter que lhes dar.»

142. Era, como dizia ela, muito amiga das crianças, e o seu prazer era ver-se rodeada delas. Acariciava-as dando-lhes, ora santinhos, ora coisas gostosas para as atrair e, assim, as encaminhar ao bem, inspirando-lhes horror no pecado. Depois, brincava com elas ensinando-lhes jogos, mandava-as correr pelo jardim e, no fim da brincadeira, rezava o terço com elas, cantando, em cada mistério, uma estrofe com «guiai nossos passos, ó Mãe de Jesus, na senda espinhosa que ao céu nos conduz».

143. Era uma alegria para a criançada. Todas queriam estar junto dela e lhe pediam para cantar mais. Assim as atraía.

144. Toda a população admirava a sua alegria e coragem. Quando sabia que alguma pessoa não vivia segundo a lei de Deus, fazia todo o possível para a levar ao bom caminho. Havia quem não levasse a bem esse zelo. Um sujeito escreveu-lhe uma carta anónima, dizendo-lhe que não tinha nada com a vida dos outros, que tratasse da sua, de contrário lhe tirariam a vida. Apareceu essa carta debaixo da porta da entrada do Colégio. Não se assustou com isso. Pelo contrário, disse que gostosa daria a sua vida pela conversão de uma só alma.

145. Tendo chegado a Tourais (numa casa de fidalgos e que uma senhora nos deu), estava lá, num quarto, uma velhinha, antiga governanta dessa casa e que só tomava conta da lâmpada do Sacrário, pelo que a Madre Fundadora a estimava muito. Ficou nesse quarto algum tempo; depois uma senhora da terra da Família Montenegro levou-a para a sua casa. Mesmo lá não foi desamparada pela caridade da nossa Madre Fundadora. Todos os dias ia ou mandava Irmãs a tratarem de tudo o que ela precisasse. Mandava-lhe comida, roupa, e faziam-lhe toda a limpeza de que precisava uma entrevada. Assim viveu a velhinha e morreu confortada com os sacramentos louvando a Deus, agradecendo a todas o carinho com que a trataram.

146. A sua coragem e confiança em Deus eram inabaláveis.

147. Depois de obter a casa foi atraçoada, ficando privada do quintal da dita casa. Um estabelecimento sem quintal perde o seu valor. Havia de vender a casa ou ver se arranjava outro quintal. Próximo à casa havia um, mas era de órfãos, e como não tinham necessidades, os tutores não queriam vendê-lo. Alguns senhores foram pedir ao tutor para vender esse quintal à Madre Fundadora, mas não conseguiram nada. Ela, vendo a inutilidade das petições, resolveu ir ela mesma pedir ao dito senhor e senhora para lho venderem, que logo a atenderam.

148. Perguntou-lhe a tal senhora: «que fez para assim nos mover a vender-lhe o quintal? Ainda ontem não o queríamos vender e hoje estamos resolvidos a isso!» A Madre Fundadora disse-lhe que pedira somente a Jesus Maria José que, se fosse para a glória de Deus, os movesse a venderem-no, e, se não fosse para sua glória, que nada se arranjasse.

149. A sua caridade era muito grande para com os doentes e desamparados da fortuna. Uma vez, passou por um caminho onde ouviu uma mulher queixar-se de que estava a morrer à míngua. Como não levasse nada para lhe dar, pediu numa casa um pouco de mel, e num copo com água deu-lhe a beber, devagarinho, e com isso a mulher recuperou as forças.

150. Em outra ocasião, no Douro, entrou em casa de uma mulher e, depois de a prover de algumas coisas de que precisava, pois era pobre, veio a saber que não andava no bom caminho, exortou-a para que procurasse viver segundo a lei de Deus, para poder salvar a sua alma.

151. Recomendava sempre às Irmãs a assídua vigilância das crianças para preservá-las dos perigos.

152. Quando lhe tiraram o governo da Congregação e o entregaram à Madre Luiza, portou-se com a maior paciência e caridade para com ela, desculpava-a em tudo e tratava-a com a humildade e o carinho que era preciso. Esta superiora, por seu lado, não era nada solícita para com a Madre Fundadora, tratando-a com desumanidade e ásperas repreensões.

153. Como já está dito, passando algum tempo, grassou terrível epidemia de tifo em toda a Comunidade e meninas, ficando isentas apenas quatro Irmãs que tinham o nome de Rita, ou seja, a Fundadora (Rita Amada de Jesus), Ir. Rita Figueira, Ir. Rita Rodrigues, Ir. Rita Carreira; pelo que tiveram de abandonar o Colégio, fechando as portas e foram todas para suas casas. Algumas pessoas de fora vieram pôr tudo em ordem e desinfetar a casa. Lavaram os colchões, mandaram cair os cómodos e passados alguns meses voltaram todas. Reunida a Comunidade, voltou a Madre Luiza a ocupar o cargo de Superiora Geral e dizia com um pouco de altivez: «eu fico para governar e a Madre Rita Amada de Jesus fica para o peditório.»

154. Deus, a quem nada se oculta, em breve pôs tudo claro. Muitas pessoas conhecidas esperavam na Providência que pusesse termo àquele estado de coisas, esperando que a Madre Fundadora voltasse ao seu cargo.

155. O então Diretor, Padre Jerónimo Duarte de Almeida, convocou todas as religiosas, e estas escolheram, unanimemente, como Superiora Geral, a Madre Rita Amada de Jesus, e mostraram-lhe o mais filial afeto e confiança, pois ela tinha sido sempre para todas uma verdadeira Mãe. As Irmãs sentiram-se aliviadas de um peso que as acabrunhava. Conheceram o quanto a santa Fundadora tinha sofrido, a sua paciência, a sua humildade, calma e ardente amor ao seu Instituto. Este, todas estavam certas que Deus queria o seu desenvolvimento, pois, desde então, começaram a aumentar os seus membros e a desenvolver-se cada vez mais.

156. Com todas estas provações, as Irmãs, longe de desanimarem e se abaterem, conservaram-se sempre firmes e corajosas para a luta. Muitas ainda existem tendo-se passado mais de 50 anos.

157. A Madre Rita Amada de Jesus era muito exigente com a pontualidade das Irmãs. Quando algumas vezes, depois do almoço, no Verão, ela mandava as Irmãs dormir a sesta, daí por um curto espaço de tempo vigiava toda a casa para ver se realmente todas tinham obedecido.

158. Ai daquela que fosse encontrada a pé! Estimava imenso que as Irmãs guardassem o necessário respeito umas às outras.

159. Numa ocasião em que uma noviça faltou ao respeito a uma professora despediu-a dizendo que era para exemplo das outras.

160. Vigiava a observância das Regras, principalmente a do silêncio e a da pobreza.

161. Quanto a esta segunda, não consentia que se desperdiçasse nada, por mínimo que fosse. Na cozinha, aquilo que pudesse ser utilizado na mesa, não autorizava que fosse para os animais.

162. Quanto às roupas de uso, queria que fosse costurada e usada enquanto pudesse servir.

163. Mostrava-se severa com a falta de silêncio. Pelo contrário, se via que as Irmãs o guardavam e cumpriam bem a obrigação, mostrava-se radiante.

164. Em certa ocasião, encontrando-se com uma Irmã, mostrou-se risonha e agradável, mas esta ficou muito séria e ela, em sequência, a qualificou de soberba.

165. Nas festas principais, queria que o jantar fosse melhorado, pois, neste tempo, o jantar era ao meio-dia.

166. Em tempo de festa, no Verão, costumava-se jantar ao ar livre, à sombra das árvores do quintal, pelo que todas as Irmãs experimentavam grande alegria.

167. Para se mostrar agradável às Irmãs, pela Páscoa, mandava fazer bolos.

168. Dava um a cada Irmã, com licença de o comer quando quisesse. Com estes iam também ovos cozidos e pintados.

169. Estava sempre pronta para atender aos pedidos que lhe faziam. Às vezes, recebia raparigas já idosas, por se compadecer delas e compreender a sua situação. É verdade que eram boas pessoas, mas delas a Congregação já não podia esperar muito.

170. O mesmo acontecia com as meninas pobres que recebia para criar e educar. Houve uma ocasião em que recebeu para criar uma menina, Xavier, que era a alegria da casa.

171. Quando vinham visitas para as meninas, mandavam-na dançar e cantar, o que esta fazia com muita graça apesar de ser pequena.

172. Era muito caridosa para com as Irmãs doentes e fracas; não queria que lhes faltasse nada.

173. Em certa ocasião, vinha um criado com o carro carregado de mato e, atrás dele, numa rua bastante apertada, uma criança foi pisada e morta pelos bois. Devido o carro vir muito cheio, foi impossível ao criado ver a criança.

174. Ficaram as Irmãs e a Madre cheias de aflição e esta mandou duas Irmãs com o criado a Castelo Branco, para este se apresentar às autoridades.

175. Este respondeu em tribunal, mas foi imediatamente absolvido, voltando novamente todos três para casa.

176. A Revda. Madre, por tal acontecimento, pediu aos pais que trouxessem a criança morta para a nossa casa. Vestiu-a e comprou-lhe o caixão e de lá saiu o enterro.

177. Um dia, de manhã, quando foi abrir uma janela que fechava com uma tranca de ferro, esta escorregou-lhe e caiu-lhe das mãos, ferindo-a na cabeça. Todas as Irmãs se preocuparam muito e ela nada se importava; era como se nada lhe tivesse acontecido.

178. Gostava muito que as Irmãs se mostrassem prontas para tudo o que era preciso.

179. Havendo também, nesta aldeia do Lourical, uma outra Casa além da do Noviciado, que era afastada um pouquinho, não havia missa diária, e as Irmãs ficavam lá, às vezes, a tomar conta da Casa, enquanto as outras iam à missa. Aconteceu um dia que uma delas se mostrou descontente, quando lhe coube a ela ficar. Uma das Irmãs que estava encarregada da Casa contou à Revda. Madre o sucedido e ela disse-lhe que essa Irmã, por se ter mostrado assim só um dia, ficaria em casa toda a semana, enquanto as outras iam à missa.

180. Outra ocasião aconteceu o mesmo pelas «Quarentas Horas» e as Irmãs não podiam assistir todas. Uma tomou o castigo de ficar todos os dias.

181. Quando trazia operários a fazer obras era ela mesma quem os dirigia e acompanhava.

182. Como as Irmãs tiveram de ficar dispersas, pela implantação da República, a maior preocupação da Revda. Madre Fundadora era reunir as Irmãs.

183. Como não tinham casa no estrangeiro tornava-se difícil, mas por intermédio de pessoas amigas e de grande prestígio, conseguiram colocação no Brasil. As primeiras foram no Inverno de 1912, e eram seis.

184. Sendo bem recebidas, logo conseguiram colocação para mais algumas.

185. A Revda. Madre começou logo a preparar um novo grupo. Cheia de alegria e contentamento, por ver a sua querida Congregação de novo reunida, para continuar a sua missão, disse para elas: «Quando as Irmãs embarcarem eu morro.» Assim aconteceu!

II PARTE

186. A Madre Rita Amada de Jesus foi auxiliada, no início da Congregação, por um missionário chamado Padre Jerónimo Duarte de Almeida, da Diocese de Viseu, o qual era muito zeloso e não lhe faltava boa vontade, pois fazia tudo o que podia a favor da recente Congregação, fazendo todos os anos os exercícios espirituais para a Comunidade e algumas vezes para senhoras seculares, mas, apesar de um grande zelo, faltava-lhe a experiência da vida religiosa, pois era secular.

187. A Madre Fundadora, de acordo com o Conselho Geral, deixou a direção do dito sacerdote e tomou como Director um sábio e santo jesuíta, por nome Revdo. Padre José Joaquim da Lapa Rodrigues.

188. Desde o princípio do Instituto se fazia, mais ou menos, o noviciado, mas ainda não estava bem organizado.

189. Em 1892, a nossa Madre Fundadora, auxiliada pelo novo Diretor, organizou adequadamente o noviciado e tudo o mais.

190. Uma senhora de nome D. Ana Jerônima e seu irmão (ambos solteiros) deram o que possuíam para a Congregação. A nossa Madre Fundadora vendeu tudo isso, a fim de comprar um terreno apropriado, próximo a um Colégio dos Jesuítas, para aí construir uma casa para o Noviciado. Em Dezembro de 1900, foi transferido o Noviciado, do Colégio da Imaculada Conceição em Tourais, Diocese da Guarda, para a dita Casa que a Revda. Madre Rita Amada de Jesus mandara construir em Louriçal do Campo. Como fica dito, havia nesta localidade um Colégio da Companhia de Jesus, por cujo motivo se tornava mais fácil a formação das noviças e mesmo para a direção da Madre Fundadora que não resolvia os casos de maior importância sem consultar o Revdo. Sr. Padre Lapa, e, na sua ausência, um outro Sacerdote Jesuíta.

191. Numa casa que nos emprestou o Sr. Dr. Sebastião e D. Emília, organizou-se um Colégio. Aí, as Irmãs não só lecionavam, mas trabalhavam em costura, bordavam, passavam roupa, para o dito Colégio dos Jesuítas.

192. Nesta como em todas as nossas Casas, desde o início da Congregação, tínhamos, ora mais ora menos, meninas órfãs (segundo permitiam as circunstâncias), as quais educávamos e vestíamos por conta própria. As mesmas, em chegando à idade de conhecerem a vocação, sentindo inclinação para o estado religioso, e querendo ficar no Instituto, nele permaneciam, isto é, nele eram admitidas, e as que não queriam permanecer nele, eram entregues às famílias.

193. Os Senhores Padres do respectivo Colégio eram confessores da Comunidade e do Noviciado, davam os exercícios espirituais todos os anos e faziam várias práticas durante o ano.

194. Poucos anos depois, a Congregação comprou a dita casa em que funcionava o Colégio, a qual tinha um bom quintal e uma propriedade pertencente à mesma, muito próxima da povoação de Louriçal do Campo, para onde o Noviciado foi transferido.

195. Ficaram na primitiva Casa do Noviciado (um pouco distante do Louriçal) algumas Irmãs com as meninas órfãs. Como fosse muito pequena a capela da casa que se comprou, a Madre Fundadora mandou construir outra bem espaçosa e muito bonita. Mandou vir de França três imagens, sendo uma do Sagrado Coração de Jesus, outra de Nossa Senhora de Lourdes e a outra de São José, todas muito lindas; mas, infelizmente, pouco tempo desfrutámos de tanto bem, pois, com a perseguição religiosa, em 1911, tivemos de abandonar tudo que com tanto sacrifício havíamos adquirido.

196. Foi o saudoso Cardeal Jacobini, Núncio que foi de Portugal, quem levou as nossas Constituições para Roma e prometeu à nossa Fundadora fazer quanto estivesse a seu alcance, para que ela ainda tivesse o gosto de as ver aprovadas.

197. Tendo, porém, este Cardeal adoecido gravemente, e estando já sem esperança de melhorar, alguns dias antes de falecer, escreveu à nossa saudosa Fundadora, dizendo que estava sem esperança, mas que ia entregar as Constituições ao Exmo. Sr. Roberto Caroli, o qual várias vezes lhe escreveu pedindo dinheiro para as despesas, o que ele logo mandava; mas, não vendo nenhum resultado, por conselho do Exmo. e Revmo. Sr. D. Manuel Vieira de Matos (então, Bispo da Guarda; depois, Arcebispo de Braga), em cuja Diocese tínhamos a Casa Mãe, foi pessoalmente a Roma, em 1900, solicitar a aprovação, donde veio com grandes esperanças, deixando os Estatutos ao cuidado do Exmo. Monsenhor Jian Batista Guide, Prelado Doméstico de Sua Santidade; e, antes de ser nomeado Arcebispo de Itaurópolis, nas Filipinas, quis Deus Nosso Senhor que ainda nos pudesse obter de Leão XIII a aprovação e nos mandasse o decreto, que recebemos na Casa Mãe, no Louriçal do Campo, Bispado da Guarda (Portugal), a 22 de Junho de 1902, tendo sido aprovadas pelo Santo Padre Leão XIII, de saudosa memória, a 10 de Maio do dito ano.

198. O título de Pia União foi posto de caso pensado, para subtrair a Congregação às vistas do Governo sectário de Portugal, pois que nasceu e foi aprovada pela Santa Sé, no meio de duas perseguições religiosas, a de Hintze Ribeiro (líder do Partido Regenerador, de ideais liberais) e a de Implantação da República.

199. Sua Santidade Leão XIII conservou o título de Pia União, mas dignou-se aprovar o Instituto e suas Constituições, como Congregação de Votos Simples.

200. Foi esta a maior satisfação que o Instituto experimentou desde a sua fundação.

201. Esta aprovação não foi temporária, como de ordinário acontece, mas definitiva.

202. Grande, pois, deve ser o nosso reconhecimento para com nossos poderosíssimos protetores JESUS, MARIA e JOSÉ.

203. Em Dezembro de 1905, a pedido do Revmo. Padre António Rodrigues Conde, Abade de Paramos, diocese do Porto, foram cinco Irmãs reabrir, nessa mesma freguesia, o Colégio do Sagrado Coração de Jesus, do qual tinham desistido as Religiosas Franciscanas.

204. O Colégio ficou com o seu nome primitivo. As Irmãs tomaram a seu cuidado o coro da Matriz, as aulas de Catecismo, e preparavam as crianças do Colégio para a Primeira Comunhão, e lá mesmo faziam o retiro em preparação para a mesma.

205. Todos os anos, havia no Colégio exercícios espirituais para senhoras seculares, os quais eram muito frequentados; vinham senhoras de várias terras. Num ano tomaram parte 160, e, nos anos seguintes, faziam-se por duas vezes, para facilitar mais.

206. Em 1907, fez-se a fundação de um Colégio, em Castelo Branco. Este Colégio funcionava numa casa arrendada, e era, cada ano, mais frequentado, por verem quanto as meninas aproveitavam; as Irmãs tinham lá muita simpatia, ou antes, eram muito estimadas.

207. Só lá estiveram três anos, devido à Implantação da República, em que todas as Religiosas foram dispersas.

208. As principais famílias, quando perceberam que as Irmãs iam sair, foram ao Colégio a chorar, oferecer as suas casas, dizendo que logo tudo ficaria calmo, que, pelo menos lá na cidade, todos estavam a favor das Irmãs; até mesmo as principais autoridades diziam que queriam as suas filhas educadas por elas, etc. E tanto insistiam, que conseguiram que lá ficassem três Irmãs, a quem davam casa, alimentação e tudo o que precisavam, tendo por fim convocar as alunas, o que fizeram por algum tempo. 209. Para isto, um bom professor, pai de uma aluna, ofereceu-se para ir leccionando na sua própria casa as meninas; e umas senhoras, mãe e tia de outra aluna, tomaram a seu cuidado o ensino de bordados e mais trabalhos, sob a direção das Irmãs, e estas iam dar lições de piano às suas próprias casas.

210. Em 1908, foram quatro Irmãs tomar a direção de um asilo de órfãos na mesma cidade de Castelo Branco, Diocese de Portalegre.

211. Nos princípios, sofreram lá bastantes privações, mas depois, graças a Deus, tudo se normalizou.

III PARTE

212. A 5 de Outubro de 1910, surgiu uma Revolução em Portugal, em que saíram vitoriosos os Republicanos e, como o seu ideal era a perseguição à Igreja e a extinção das Congregações Religiosas, o interino Presidente da República Portuguesa, lavrou imediatamente um decreto de extinção de todas as Casas Religiosas, no pequeno prazo de 24 horas.

213. Meu Deus, que horas estas de amargura e tribulação!... e as que se seguiram a estas não foram menos dolorosas!... Que consternação na Casa Mãe (que, então, era no Lourçal do Campo)!

214. Ver as Religiosas e Noviças dispersarem-se por todos os lados!... E que mágoa ao verem tirar o Santíssimo da linda Capela que ainda há pouco havia sido construída com tanto sacrifício, e onde tínhamos aquelas três lindas imagens vindas há pouco de França, como já ficou dito!... Sempre nos recordaremos com saudade desta Casa, que tanto se prestava para a Formação de Noviças, progresso e conservação do espírito religioso das Irmãs professoras.

215. Como a nossa Congregação teve início em Portugal e era ainda bem recente, não tínhamos, nessa ocasião, nenhuma casa no estrangeiro onde nos refugiáramos. E isto era objeto de muitos cuidados para a nossa Fundadora.

216. Onde abrigar suas filhas de quem era tão solícita? O único remédio era a dispersão, até que Nosso Senhor deparasse algum refúgio para as mesmas.

217. Que amargura para uma mãe tão carinhosa como era a nossa Madre Fundadora, que estava sempre vendo e prevenindo todos os perigos em que poderiam incorrer suas filhas, vê-las agora no meio do mundo, expostas a mil perigos que nele se encontram!...

218. E ainda mais: a sua querida Congregação que tantos trabalhos e sacrifícios lhe tinha custado, em risco de ser extinta!...

219. No meio de tantas amarguras surgiu ainda outra: Um indivíduo que, hipocritamente, se fazia muito amigo das Irmãs (pois que estas estavam educando as suas filhas), convidou outro, prometendo-lhe certa quantia, para que ele tirasse a vida à nossa Fundadora; mas Nosso Senhor que vela sempre pelos seus, permitiu que uma senhora muito amiga das nossas Irmãs, o soubesse e as avisasse.

220. Assim, a nossa caríssima Fundadora foi com a Revda. Madre Ana de São José Matos Martins (hoje Superiora Geral da Congregação) para uma fazenda que ficava um pouco afastada do Colégio, passando aí parte do dia, indo à noite refugiar-se na casa da Exma. Sra. D. Maria da Piedade, onde já estavam algumas das nossas.

221. Ficámos muito reconhecidas para com esta senhora, seu Exmo. marido e filhos, pela gentileza com que hospedaram as nossas Irmãs por vários dias, e mais outras finezas que lhes dispensaram.

222. Depois de passar uma noite na casa da dita senhora, a nossa Fundadora com algumas religiosas foram para Ribafeita, na terra natal, onde permaneceu até à sua santa morte, que se deu a 6 de Janeiro de 1913.

223. Num dos nossos Colégios, as Irmãs tiveram conhecimento do decreto de extinção das Casas Religiosas precisamente depois de terem comungado. Uma senhora muito distinta, em todo o sentido, avisou-as.

224. Meu Deus, que tristeza e amargura das pobres Irmãs!... Algumas exclamavam em altas vozes: «Meu Deus, levai-me para Vós, prefiro morrer a deixar a vossa casa.»

225. Uma das que faziam esta súplica, Nosso Senhor levou-a passando pouco tempo.

226. Após a acção de graças, depois da Comunhão, as Irmãs trataram de remover as imagens da Capela, pedindo a várias famílias amigas, o favor de as guardar em suas casas.

227. Que horas tristes e amargas se seguiram a esta primeira!... Por um lado, viam as Irmãs que forçosamente tinham de deixar o Colégio; por outro, não queriam sair sem permissão da Revda. Madre Geral, e sem que ela lhes determinasse o lugar para onde se deviam dirigir; e como os correios não funcionavam, não podiam as Irmãs receber as suas ordens, e assim passaram uns três dias, indecisas, sem saber o que fazer; no fim dos quais, chegou, por determinação da Madre Fundadora, um seu irmão, ordenando a retirada das Irmãs, e indicando os diversos lugares para onde deviam ir.

228. Antes de saírem, pediram ao Sr. Vigário para tirar o Santíssimo da Capela do Colégio, o que ele fez, mas com que amargura das pobres Irmãs, que choravam inconsoláveis cada uma para seu lado!... O Revmo. Vigário, vendo isto, repetiu por várias vezes: «nada de manifestações.» De pois disto, as Irmãs retiraram-se do Colégio, ficando duas numa casa próxima para entregarem as chaves (do Colégio), quando as autoridades as pedissem. Quando estas chegaram, a primeira coisa que disseram foi: «Então, já largaram o hábito?» Um dos da comissão disse a uma das Irmãs que os acompanhavam: «Parece estar triste, qual a causa?»

229. Respondeu-lhe a Irmã: «Se fossem à casa do senhor e o forçassem a sair, sem causa alguma, gostaria ou ficaria satisfeito?»

230. Perguntaram também à Irmã, se já tinha estado em São Fiel, pois tinha cara de lá ter estado.

231. Quando chegaram à Capela e viram que as imagens não estavam lá, nem mais nada, disseram: «Que sacrilégio! Tiram tudo da Capela!...»

232. Coitados, eram muito escrupulosos; não tinham escrúpulo de roubar, e censuravam e tinham por sacrilégio o ter-se guardado os objetos da Capela!...

233. Depois de terem percorrido o Colégio, fizeram o seu arrolamento, e como se havia tirado tudo, o arrolamento consistiu nisto: «Uma casa com uma garrafa a um canto.»

234. Também fizeram o arrolamento de uma casa menor que tínhamos no quintal, e esse foi assim feito: «Uma casa com algum fragmento de palha.»

235. Neste tempo de tanta tribulação, a nossa santa Fundadora conservou-se sempre corajosa, e manteve inalterável a sua confiança em Deus.

236. Jesus Maria José recompensaram dum modo admirável esta sua grande confiança, pois conseguiu, em pouco tempo, colocação para as suas religiosas, no Brasil.

237. Falou primeiramente neste assunto, ao Revmo. Sr. Cónego Figueiredo, que lhe prometeu fazer tudo quanto pudesse. Mas, como Sua Revcia. demorasse muito na solução deste negócio, recorreu ao Revmo. Cónego Manuel Damasceno (pouco depois Bispo de Angra), que, depois de atender a nossa Revda. Madre, lhe disse que ia escrever a um seu colega que estava no Brasil, pedindo-lhe para aí arranjar colocação para algumas Irmãs, o que depressa conseguiu.

238. Que bálsamo para o coração ferido da nossa boa mãe, com tão grande dor e tribulação pela dispersão de suas filhas!...

239. Tratou logo de prevenir e preparar as primeiras que foram para o Brasil.

240. O seu coração maternal não deixou de sentir, e muito, a despedida e separação de suas filhas, que iam para as longínquas terras brasileiras, mas, apesar disso, com que satisfação ela formulou as palavras do Santo Velho Simeão: «Agora, Senhor, já podeis levar-me quando fordes servido.»

241. Já se julgava feliz em ver reunirem-se as suas filhas, até ali todas dispersas.

242. Nosso Senhor parece ter atendido sua oração, pois viveu só uns dois meses, depois que as primeiras Irmãs saíram para o Brasil; e, no mesmo dia em que entrava no vapor o segundo grupo de Irmãs também com destino ao Brasil, passou ela a melhor vida.

243. Como andávamos escondidas, devido ao Governo Afonsino, que proibia permanecerem mais de três Religiosas juntas, tivemos de estar um mês numa casa, donde só saíamos para a santa missa, e isso por caminhos pouco transitáveis, para não sermos vistas.

244. Aí estivemos em companhia de nossa saudosa Fundadora, que à despedida nos abraçou a chorar e disse: «Ide, minhas filhas, sede observantes e fiéis a Deus Nosso Senhor e Ele será convosco. Quanto a mim, jamais vos verei; só no Céu espero abraçar-vos de novo.»

245. Fomos para Viseu, acompanhadas da Revda. Madre Ana de São José de Matos Martins (atual Superiora Geral). Aí estivemos uns dois ou três dias, esperando a chegada do Vapor ao porto de Lisboa. Quando chegou o dia da partida, encaminhámo-nos para o trem, acompanhadas pelo Sr. Cónego Damasceno que, a muito custo, nos arranjou seis lugares em 3.ª classe, porque o dinheiro era pouco, e nós contávamos com a proteção do Céu, numa viagem tão longa e para nós desconhecida.

246. Chegadas a Lisboa, dirigimo-nos à casa da Exma. Sra. D. Ana de Albuquerque, que nos recebeu com todo o carinho e nos hospedou com toda a amabilidade e gentileza.

247. Nesse mesmo dia, fomos ao cais e soubemos que o vapor ainda não tinha chegado, que só chegaria no dia seguinte, às 9 horas da manhã. No dia seguinte, fomos assistir à missa, na Igreja dos Revdos. Padres Inglesinhos, onde nos confessámos e comungámos pela última vez na nossa Terra Natal.

248. Quantas recordações nos vinham à ideia, nesse dia!...

249. Depois de termos recebido a Jesus e feito nossa oração, tivemos uma entrevista com o falecido Padre Colai, então Superior dessa residência, o qual nos animou muito, nos deu algumas lembranças e umas 20 latas de sardinha para a viagem, e como não sabíamos a distância que nos separava do termo, tivemos a lembrança de as ir economizando, de modo que algumas delas chegaram a Igarapava, termo da nossa viagem.

250. Na tarde do dia 31 de Outubro de 1912, seguimos para o cais, onde nos esperava o vapor. Com que prazer nos aproximámos dele!...

251. É verdade que caminhávamos para o exílio, mas, para uma Religiosa que deixou tudo para seguir mais de perto a Jesus, e sabe que a sua Pátria é o Céu, de boa vontade se sacrifica por seu celeste Esposo, que por ela se sacrificou e morreu na cruz.

252. Apenas entrámos, logo nos indicaram um beliche em intermediária, por não podermos pagar em 2.^a classe, e aí dormimos já, esperando a partida do vapor, que devia seguir no outro dia, às 10 horas da manhã, mais ou menos. Mais um dia e estávamos na Ilha da Madeira, onde se desenrolou à nossa vista um dos mais belos panoramas do torrão português.

253. Aqui, as mais lindas árvores, ali, os mais belos jardins. Além dos palácios da cidade de Funchal e inúmeras igrejas, o que indica o grande movimento religioso que aí se encontra, e o sentimento católico do povo português.

254. Perto de nós, nas águas do Atlântico, os marujos com uma destreza admirável, atiravam-se ao meio das águas para apanharem algumas moedas que os viajantes para aí atiravam.

255. Saímos desse porto, o último da nossa pátria e, no espaço de oito dias, não avistámos mais terra.

256. Logo que entrámos no vapor, em Lisboa, começámos a cantar a *Divina Pastora*, que começa assim: *Ó Senhora, sê Pastora, dum rebanho que todo é teu, etc.*

257. Com que alegria entoávamos este hino!... E, na verdade, não era a Santíssima Virgem a zelosa Pastora deste rebanho, composto de seis Religiosas que, sem nenhum guia e apoio, iam fazer tão longa viagem?

258. Oh! Com que zelo e carinho a nossa tão dedicada Pastora velou pelo seu rebanhozinho até o introduzir no seu redil!...

259. Quando entrámos em alto mar, todas nos sentimos mal, especialmente uma que causou sérios cuidados à nossa boa Superiora, Revda. Madre Costa.

260. As nossas provisões eram quase todas cozidas e, com a humidade do mar, quase todas se haviam inutilizado.

261. Quando tivemos necessidade e vimos que já podíamos comer, íamo-nos servir delas e vimos que pouco se podia aproveitar, mas Deus não nos desamparou. As que precisavam, tomavam leite condensado. Tínhamos como companhia de viagem uma família que obteve do cozinheiro licença para cozinhar a seu modo algumas provisões que trazia, e vendo a nossa falta de recursos, repartia conosco o que levava, pois a alimentação do vapor, em 3.^a classe, era bastante ordinária.

262. E, assim, entre enjoos, ânsias, etc., chegámos a Pernambuco. Mas, antes de aí chegarmos, tivemos uma entrevista com um protestante que, vendo-nos sem hábito, julgou sermos seculares e convidou-nos a seguir a sua religião, dizendo: «já que mudaram de terra, mudem também de religião», e várias outras coisas; mas a nossa vigilante Superiora deu-lhe por resposta: «quem lhe encomendou o sermão que lho pague.» Enfim, foi por todas nós tão desconsiderado, que nunca mais apareceu.

263. Aproxima-se o porto de Recife, que nos encantou e cujas águas agitadas dificultavam aos passageiros o desembarque, e, por esse motivo, os viajantes embarcavam em grandes cestos movidos por meio de guindastes, para o vapor.

264. Chegando à Bahia, gostámos também muito da cidade de São Salvador. Aqui, um sacerdote, companheiro de viagem, arriscou-se a perder o vapor, a fim de ir expedir um telegrama para o Revmo. Sr. Vigário de Igarapava (que, como já fica dito, foi o que arranjou colocação para as primeiras Irmãs que foram para o Brasil) a fim de que ele nos fosse esperar em Santos, mas já só pôde ir a Ribeirão Preto.

265. Mais um pouco de travessia e estávamos no Rio de Janeiro, onde desembarcaram 500 passageiros.

266. Ficámos encantadas com as belezas da Baía da Guanabara. O movimento dos passageiros, o encanto da cidade, os muitíssimos predicados de que Deus a enriqueceu, tudo para nós era atraente.

267. Estando perto de Santos, tratámos de vestir o santo hábito, e, satisfeitas, íamos pelo grande corredor, que ia donde estávamos até à proa, em procura da nossa bagagem. Quantos, cheios de admiração nos contemplavam e nos respeitavam! Ninguém se dirigia a nós, a não ser uma espanhola que ia para a Argentina, que disse: «eu também gostava de ser monja, mas não consegui. Bem me parecia que as senhoras eram Religiosas, porque vinham sempre juntinhas e nunca tomaram parte em diversões.»

268. Por fim, chegámos a Santos, porto tão desejado. Tínhamos telegrafado para o Revdo. Padre Manuel da Costa, mas, como não tivesse recebido o telegrama, ninguém nos esperava.

269. Ao vermo-nos em terra, mal nos podíamos orientar. Parecia-nos tudo ao invés da Europa.

270. Não sabendo a quem nos dirigirmos, nem conhecendo ninguém, dirigimo-nos a um companheiro de viagem, homem sério, conforme nos parecia; era árabe... Pedimos-lhe o favor de nos esclarecer a respeito de um hotel onde pudéssemos ficar, ou pelo menos almoçar. Indicou-nos o Hotel Brasil, onde fomos bem recebidas. Ali almoçámos, depois fomos procurar a nossa bagagem. Ao entrarmos, um dos empregados ou fiscal, perguntou- nos quais eram as nossas malas; indicámo-las dizendo: são estas, e entregámos-lhe as chaves para as abrir. Porém, ele respeitou-as dizendo: «Não é preciso abri-las.» Outro acrescentou: «O contrabando que as Irmãs trazem é a perseguição de Afonso Costa.»

271. À saída, perguntando no hotel quanto era de hospedagem, responderam-nos: «26\$000 ao todo.»

272. Mandámos despachar as malas, por um empregado do hotel, ficando-nos em 90\$000 o seu despacho.

273. Após isto, a Madre Superiora, dirigindo-se a nós, exclamou: «O que será de nós? Não temos dinheiro, nem sabemos onde estamos, nem o que nos falta para chegarmos ao termo da viagem. Provavelmente o Sr. Padre Manuel não recebeu o nosso telegrama, e não sabemos para onde nos dirigir, mas não desanimemos, tenhamos confiança em Jesus Maria José.»

274. Quando chegou a hora de partirmos, entregámo-nos à Divina Providência. Ao aproximarmo-nos da bilheteira, o empregado diz-nos: «As Irmãs não pagam viagem, dirijam-se para aquela sala.» Para lá se dirigiu a Madre Superiora com algumas Irmãs, sendo-lhe imediatamente concedido o «passe» para as seis Irmãs até Jundiaí; o mesmo empregado disse: «Apresentem este passe, que lá lhes darão outro.»

275. Quando chegámos a esta cidade (Jundiaí) não estava o Director, e tivemos de pagar a viagem até Campinas. Não conhecendo esta cidade, perguntámos a um carregador que se ofereceu para levar as malas, se conhecia ali algum colégio, onde pudéssemos passar aquela noite. Respondeu-nos que só conhecia o Colégio Progresso, e indicou-no-lo.

276. Ao chegarmos lá, o Director recebeu-nos amavelmente, manifestando-nos a impossibilidade de nos hospedar por falta de cómodos, mas que ia telefonar para as dominicanas portuguesas, que se elas pudessem, certamente nos receberiam da melhor vontade.

277. A resposta não se fez esperar, e a bondosa Irmã São José (então Superiora), assim como as outras Irmãs cederam-nos as suas próprias camas, por ainda não estarem bem providas, pois tinham vindo há pouco de Portugal.

278. Aí, passámos essa noite. No dia seguinte, dirigimo-nos à estação.

279. O proprietário do restaurante dirigiu-se a nós dizendo: «Que desejam de mim, minhas patricias?»

280. Era-nos desconhecido, mas parecia ser um homem sério e muito bom. A Madre Superiora expos-lhe a nossa situação e necessidades.

281. Cheio de bondade, disse-nos: «Sentem-se e nada lhes dê cuidado; eu providenciarei tudo... eu providenciarei tudo!...» E arranhou-nos passagem grátis, boa merenda, etc.

282. Ó admiráveis desígnios da Providência! Não nos tínhamos confiado a Jesus Maria José?

283. Este senhor recomendou-nos a um seu irmão que tinha em Ribeirão Preto, e o tal senhor indicou-nos a Santa Casa, onde as Religiosas de Nossa Senhora Auxiliadora nos esperavam, recebendo-nos com a maior fraternidade, tendo já disposto e preparado tudo com antecedência, devido ao cuidado do Revmo. Vigário de Igarapava, que, após o telegrama que da Bahia lhe expedimos, como já não podia chegar a tempo de providenciar o necessário, telegrafou ao Exmo. Sr. Bispo de Ribeirão Preto, a fim de que, por seu intermédio, obtivéssemos hospedagem em alguma das Casas Religiosas dessa cidade, e S. Excia. tudo havia providenciado.

284. Como chegámos tarde, não nos foi possível falar ao Sr. Bispo, que, depois de informado da nossa chegada, marcou a manhã do dia seguinte para a nossa audiência em seu Palácio.

285. Nessa mesma manhã, estando nós na Capela da Santa Casa, recebemos o aviso que já podíamos ir. Partimos imediatamente, e já estávamos a meio caminho, quando vimos um Sacerdote, num carro, o qual, aproximando-se de nós, perguntou-nos de onde vínhamos. – De Portugal – respondeu a Madre Superiora.

286. Ele, então, declarou-nos ser o Vigário de Igarapava, e que tinha recebido o telegrama participando a nossa chegada, mas tão atrasado, que não lhe permitira ir esperar-nos a Santos.

287. Não há palavras que possam exprimir a nossa alegria.

288. Mandou-nos tomar o seu carro, e ele tomou outro. Depressa chegámos ao Palácio Episcopal, onde nos esperava o nosso Pai Espiritual, o Sr. Bispo D. Alberto José Gonçalves, que com carinho paternal nos disse: «Sêde bem-vindas, minhas filhas!...»

289. Ao ver tão bondoso Pai, a nossa alegria foi intensa. A entrevista foi curta por se aproximar a hora do trem, mas quantas lições salutareis nos deu! Uma delas foi a seguinte: «Ide, minhas filhas, Deus vos ajudará, mas lembrai-vos sempre, que a Igreja teve o seu princípio num presépio.»

290. Fomos para o trem que partiu às 7 horas da manhã. Agora já não tínhamos medo, porque íamos na companhia de outro Pai desveladíssimo que nos cercava de todos os cuidados, como um Pai carinhoso se desvela por seus filhinhos.

291. Durante a viagem, nada lhe esqueceu; ainda em Ribeirão Preto, telefonou para o Vigário de Jardinópolis. Lá estava o Revdo. Vigário acompanhado de um empregado que levava o almoço.

292. Este Vigário queria que ficassem já ali três Irmãs, visto serem seis, mas o Revmo. Vigário de Igarapava não cedeu, dizendo que precisava de todas. Mas que se poderia escrever já, pedindo outras para Jardinópolis.

293. Era em Novembro. As mangas pendiam das árvores em abundância; admirávamos aquelas frutas com interesse, pois era novidade para nós. Também achávamos muito interessante os cafeeiros tão bem alinhados, e uma infinidade de outras coisas, que nos encantavam. Para nós, eram verdadeiras surpresas, mas o nosso bom Vigário que nos acompanhava, esclarecia-nos em tudo com a maior delicadeza.

294. Chegámos, enfim, a Igarapava, onde nos esperavam os Revdos. Padres: Frei Raimundo, religioso dominicano; o Revdo. Coadjutor, as principais famílias e autoridades da cidade, como o Exmo. Sr. Galdino Baliciro, Presidente da Câmara e várias outras pessoas.

295. Ao chegar à casa paroquial, encontrámos a empregada do Sr. Vigário, algumas zeladoras e pessoas da cidade, com tudo pronto para nos receber. O bom Vigário, depois de nos mostrar a casa e tudo o que nela havia, como: a dispensa bem provida, louças, talheres, mobílias, etc., retirou-se com o Revdo. Frei Raimundo, o seu coadjutor e um irmão que tinha com ele, deixando tudo ao nosso dispor, e todos os dias ia informar-se do que precisávamos, para providenciar, desvelando-se por nós, mas principalmente por uma Irmã, que adoeceu na viagem, e disse: vamos fazendo o que pudermos, pois se chamamos o médico não teremos alunas.

296. A Irmã sarou, prestando ainda muitos serviços à Congregação.

297. O Revdo. Vigário fez sua morada, assim como o Coadjutor, na Secretaria da Igreja Matriz, indo pousar e tomar as refeições a casa de uma família amiga.

298. E assim, ficaram carecendo de tudo quanto precisavam, desde a nossa chegada. Pois tudo nos deixaram, a 16 de Novembro de 1912 até Março de 1913.

299. Depois, o bom Vigário, vendo o irmão e o coadjutor pouco conformados, alugou uma casa pequena e a mobília indispensável, para onde mudaram.

300. No dia da nossa chegada, à noite, o Revdo. Frei Raimundo fez uma alocução e, entre outras coisas, disse: «Como é bom o Deus dos cristãos! Aí tendes, caros irmãos, um modelo para imitardes»; exortando assim o povo a imitar as Irmãs, o que muito nos sensibilizou.

301. Fez-nos também uma prática em casa recomendando-nos a guarda do silêncio, chegando a dizer que, se pudéssemos fazer-nos compreender com uma palavra, não disséssemos duas.

302. Começou a funcionar o Colégio com algumas alunas, na casa que o Revdo. Vigário tão generosamente nos tinha cedido, até que pudéssemos adquirir outra.

303. Em Março de 1913, mudámos para outra casa, junto à Abadia, também pequena, sobretudo por terem chegado mais nove Irmãs, a 23 de Janeiro do mesmo ano, às quais, o Revdo. Padre Manuel da Costa foi esperar a Santos.

304. Estas estavam destinadas para Jardinópolis. Mas, quando chegaram, o Revdo. Vigário estava doente na Santa Casa, de modo que não pôde tratar da fundação do Colégio que tanto desejava. Em vista disto, as recém-vindas seguiram para Igarapava, e assim se reuniram quinze Irmãs, onde seis mal podiam habitar por causa das aulas, pois já tinham bastantes alunas.

305. Algumas Irmãs dormiam em cadeiras, outras no pavimento. E isto prolongou-se por alguns meses até que se fez um aumentozinho na casa.

306. Um caixote era a nossa mesa de refeitório. E este tão pequeno que mal cabiam seis Irmãs. As outras acomodavam-se como podiam.

307. Graças a Deus nada nos desanimava, nem esfriava a nossa vontade, pois conhecíamos muito bem que as obras de Deus exigem sempre grandes sacrifícios, mormente nos princípios.

308. O Revmo. Vigário interessava-se muito pelo Colégio. Era verdadeiramente incansável em trabalhar pelo seu desenvolvimento. Tinha verdadeiro interesse, não só pela assistência espiritual das Irmãs, a quem vinha todos os dias dar a sagrada Comunhão, na Igreja da Abadia, apesar de ficar esta bem longe da sua residência. E, até em algumas excursões que exigia o seu ministério, visitando toda a paróquia a cavalo, procurava vir dormir a casa para dar à Comunidade a sagrada Comunhão e celebrar, voltando depois.

309. Quando já se não sentia com forças para vir todos os dias a casa, combinou com um sacerdote velhinho, para todos os dias celebrar e dar a comunhão às Irmãs, dando-lhe o dito Vigário 20\$000 cada dia, até que pode arranjar um trolinho, pois que zelava e lhe dava muito cuidado o nosso bem-estar.

310. Da nossa parte, procurávamos corresponder a tanta dedicação, prestando-lhe todos os serviços ao nosso alcance, como: dar o Catecismo, na Matriz, aos domingos e, algumas vezes, na semana, davamo-lo nas fazendas para facilitar as crianças, e tomávamos ao nosso cuidado o coro da Matriz.

311. A Irmã já citada que chegou muito doente da viagem, apesar de estar persuadida de que o seu mal não tinha cura, sujeitava-se a todo o tratamento, de modo que Deus abençoou os esforços do Vigário, dela e da nossa Superiora, pois sarou, viveu ainda bastante anos, prestando bons serviços à Congregação, por ser uma Irmã muito santa e preparada.

312. Quando chegámos de Portugal, o Provedor e as Irmãs da Santa Casa de Ribeirão queriam que ela ficasse lá, mas custava-nos deixá-la lá e ela também mostrou vontade de acompanhar as suas Irmãs.

313. Logo que nos foi possível, começámos a fazer por nossa conta as despesas do Colégio, procurando economizar, sem que faltasse o necessário.

314. Só estivemos em Igarapava três anos. Pois, começando a funcionar o Grupo Escolar e surgindo crise, diminuiu a frequência das alunas, e tendo, nessa ocasião, S. Excia. o Sr. Bispo de Ribeirão (D. Alberto) pedido Irmãs para substituir as que tinham deixado o Colégio Imaculada, em Caconde, bem como S. Excia, D. Eduardo, Bispo de Uberaba, para tomarem a direção do Asilo Santo António, de Uberaba, por essa razão as Superiores Maiores acharam acertado dividir as Irmãs do Colégio de Igarapava pelas duas Casas já citadas.

315. Como as Irmãs eram muito queridas em Igarapava, quando viram que elas iam mesmo sair dali, foram ao Colégio, tais como o Dr. Pirajá, Galdino Baliciro, Joaquim Nogueira, Bortoleto, suas Exmas. Famílias e outros muitos, perguntar a razão porque se retiravam, e perguntavam quantas meninas a pagar precisávamos para que o Colégio pudesse manter-se.

316. O dito Sr. Joaquim Nogueira disse: «eu não estou podendo muito, mas se as Irmãs quiserem ou puderem dar-nos o gosto de continuar aqui com o Colégio, eu dou-lhes 2.000\$000.

317. Apesar de tantas insistências, como já estava combinado com os dois Srs. Bispos, deixaram o dito Colégio, indo umas para Caconde, outras para Uberaba.

318. Logo depois da chegada das primeiras Irmãs ao Brasil, a Revda. Madre Superiora – Madre Costa – escreveu à Revda. Madre Geral comunicando-lhe a sua viagem, como foram tão bem recebidas pelo Sr. Bispo, e que o Revdo. Padre Manuel da Costa tinha conseguido, por intermédio do Revdo. Vigário de Jardinópolis, colocação para algumas irmãs nessa mesma cidade, onde ele tencionava fundar um Colégio.

319. Calcule-se a alegria da nossa Revda. Madre Geral, com tão agradáveis notícias!

320. Como Jesus foi bom para com ela, pois não a levou para si, sem que primeiro lhe desse a grande consolação de ver mais algumas das suas Religiosas reunidas (até então, todas dispersas pela perseguição religiosa de 1910).

321. Apenas recebeu a notícia ou a comunicação de haverem conseguido outra colocação para mais Irmãs no Brasil, tratou de reunir na casa onde residia nove Irmãs, a fim de as preparar para a viagem.

322. No dia 4 de Janeiro de 1913, foram para Viseu as Irmãs que tinham de embarcar, acompanhadas pela Madre Ana de São José Matos Martins (atual Superiora Geral), terminando aí os preparativos para a viagem.

323. No dia 6 de Janeiro do mesmo ano, embarcaram em Lisboa em demanda do Brasil.

324. Quando as Irmãs estavam no cais para tomar o barco que as devia levar ao vapor *Arlanza*, um indivíduo, falando delas disse: «Lá vai a última raça maldita.»

325. Porque sinal seriam conhecidas, se iam inteiramente disfarçadas? Quem sabe se seria a modéstia o distintivo que as distinguia entre tanta gente?

326. E com esta despedida – «Lá vai a última raça maldita» –, deixaram as Religiosas a sua Pátria, ou antes, Portugal – porque a nossa pátria (sobretudo para uma Religiosa que sacrifica tudo para o conseguir) é o Céu.

327. Chegadas ao vapor, indicaram-lhes os seus beliches em 2.^a classe.

328. Como à Madre Fundadora chegasse o conhecimento das privações porque passaram as primeiras Irmãs (em 3.^a classe intermediária), ordenou que o segundo grupo fosse em 2.^a classe, apesar de lhe ser difícil adquirir dinheiro para a viagem.

329. Determinados os beliches, vendo-se as Religiosas inteiramente separadas dos seculares (porque nos seus beliches iam inteiramente sós), julgaram-se felizes.

330. Tudo disposto e acomodado, rendendo graças a Deus, subiram ao convés, começaram a cantar os versos que têm por início estas palavras: «Em teu bom coração, etc.» E como cantavam, com entusiasmo e alegria!

331. Ninguém certamente diria que seguiam para o exílio.

332. Apenas começou a mover-se o vapor, foi um enjoo geral, e calcula-se o que se passou a seguir; os cantos ficaram interrompidos indo cada uma para seu lado, mas o Sagrado Coração de Jesus recompensou bem a sua boa vontade, em lhe terem consagrado as primícias da sua viagem, pois esta foi excelente. Se bem que algumas Irmãs enjoassem bastante.

333. Logo que chegaram à ilha da Madeira, o vapor parou aí algumas horas. Com este descanso cessaram os vômitos e as Irmãs passaram bem melhor o resto da viagem.

334. Enquanto o vapor estava parado na ilha da Madeira, fizeram uma grande exposição de vários bordados a branco. Alguns viajantes compraram diferentes peças, dando assim ocasião às Irmãs de apreciarem a perfeição com que se trabalha numa das mais belas ilhas portuguesas.

335. Apenas chegadas a Santos, ainda no vapor, saiu-lhes ao encontro o Revdo. Padre Manuel da Costa, Vigário de Igarapava, que as foi esperar.

336. Que agradável surpresa para as Religiosas que chegam a terras estranhas, onde tudo desconhecem, sem terem alguém que as oriente!...

337. O Revmo. Padre Manuel era para as Irmãs, como para as primeiras, e todas sem exceção, um pai solícito a quem nada esquece.

338. Logo à saída as acompanhou até a Alfândega para cuidarem da bagagem, sendo aí bondosamente recebidas, agindo os empregados de forma tão delicada, que nem as malas lhe examinaram, chegando mesmo a dizer que não precisavam de abri-las. É provável que o Revmo. Padre Manuel já tivesse providenciado a hospedagem em Santa Ana, no Colégio das Irmãs de São José, pois apenas chegadas à estação, alugou três carros, acompanhando-as até ao Colégio, onde as Irmãs as receberam com grande caridade e dedicação.

339. A Madre Superiora do Colégio era uma Religiosa francesa, de grande virtude e bondade, já bastante idosa, mas foi ela mesma quem acompanhou as Irmãs ao quarto onde deviam passar a noite.

340. De madrugada, cedo, quando ainda se estavam preparando, chegavam ao portão os carros que deviam levá-las à estação para continuarem a sua viagem.

341. Chegadas a Ribeirão Preto, aí tiveram mais ocasião de apreciar a hospitalidade dos brasileiros. Uma das Irmãs ia muito agoniada; pediu um copo de água a uma pessoa da família do chefe da estação e, em vez de água, trazem-lhe um caldo de galinha, e como não pudesse tomar, trazem-lhe um copo de leite, instando com ela para que o tomasse. Até lhe ofereceram uma cama para que descansasse. Ela, porém, mostrou-se muito agradecida, mas não aceitou.

342. O Revdo. Padre Manuel, incansável em lhes procurar sempre todo o conforto durante a viagem, estando a Irmã mais aliviada, alugou dois carros para levarem as Irmãs, umas ao Colégio de Santa Ursula, outras à Santa Casa, cuja direção estava confiada às Irmãs Salesianas.

343. Escusado é dizer que as Religiosas das duas Comunidades receberam com grande dedicação e caridade as nove exiladas portuguesas, que, por amor de Deus, de boa vontade se sujeitaram ao exílio.

344. No dia seguinte embarcaram para Igarapava, e não para Jardinópolis como tencionavam, pois já em Santos ficaram cientes, pelo Revdo. Padre Manuel da Costa, que não podiam ir para Jardinópolis, em vista do Revmo. Vigário dessa cidade ter adoecido gravemente e não poder ocupar-se mais do Colégio que desejava fundar.

345. No dia 23 de Janeiro de 1913, chegaram a Igarapava, termo da sua viagem, que, mercê de Deus, fora tão feliz.

346. Nesta cidade estavam estabelecidas as nossas Irmãs que primeiro vieram para o Brasil. Estas tiveram uma agradável surpresa com a chegada das suas Irmãs de hábito.

347. Depois de quase três anos de dispersão, que alegria a delas ao verem novamente as suas Irmãs a quem receberam com tanta alegria e dedicação, mas não previam a dor pungente, que as aguardava com a inesperada notícia da morte da nossa tão querida Fundadora.

348. Um dia, pouco depois da sua chegada, estando as Irmãs reunidas na sala de costura a trabalhar, viram que a Madre Superiora, ao tempo que lia uma carta, lhe corriam as lágrimas.

349. Isto deveras as preocupou, mas longe estavam de pensar o que lhes estava preparado, isto é, o terrível golpe que lhes havia de torturar a alma com a triste notícia do desenlace da sua estremecida Fundadora. Como estivesse próxima a hora de jantar, a Madre Superiora nada referiu, mas na ação de graças, depois da refeição, ofereceu um Padre-Nosso pela alma de uma pessoa muito querida da Comunidade; calcularam logo qual fosse e vieram ao conhecimento do sucedido.

350. Escusado é dizer o seu profundo pesar, pois não há palavras que o descrevam.

351. Ainda se não havia cicatrizado bem a ferida em seus corações, pela perseguição religiosa e a expulsão de suas casas que, à custa de seus dotes e muitos trabalhos, tinham em boas condições, e, quando mal se reuniam em terras estrangeiras, as quinze Irmãs perdem a sua boa mãe, quando mais necessitavam da sua direção e sábios conselhos; mas com tudo isso não lhes faltou a proteção divina, conservando-lhe, até ao presente, o seu santo e sábio Diretor.

352. Na ocasião em que vieram para o Brasil, estava ele na América do Norte, na Califórnia, mas Nosso Senhor que tudo conhece bem, sabia a necessidade que tínhamos da sua sábia e segura direção, e permitiu que o Revdo. Director viesse para o Brasil, e que os segundos exercícios espirituais aí feitos para as Irmãs fossem dados por sua Revma., graça que Jesus, Maria e José nos têm concedido por bastantes vezes, depois dessa ocasião.

353. Em Igarapava permaneceram as nove Irmãs do segundo grupo com as primeiras, até ao dia 2 de Junho do mesmo ano, indo, nesse mesmo dia, algumas para Sant'Ana de Olhos de Água, onde abriram um externatozinho em uma casa emprestada.

354. Quando chegaram a esta casa, acharam-na desprovida sem mantimentos, sem mobílias, a não ser três leitos, mas apesar de tudo isso, as Irmãs não perderam o ânimo com tanta penúria, depositando toda a sua confiança n'Aquele que não esquece as avezinhas do ar e as florinhas do campo.

355. A casa ficava um pouco distante da povoação, e bem distante da Igreja. Por essa razão, pouco tempo a habitaram.

356. Era ela de pouca segurança, e, na primeira noite que nela passaram, sobreveio uma tempestade de chuva e vento, abrindo-se uma janela ficaram as Irmãs muito amedrontadas. Uma das Irmãs foi ter com outra dizendo que lhe parecia ter uma cobra na cama, e foi com dificuldade que recuperou a calma, não conseguindo certificar-se do que seria.

357. Pela manhã, foram assistir à Missa e comungar. Como o Revmo. Vigário soubesse as circunstâncias em que as Irmãs se achavam, ofereceu-lhes café. Depois de o tomarem, comunicou-lhes que uma senhora trouxe uns trezinhos. Ignorando por completo as Irmãs o sentido da palavra «trezinhos» ficaram apreensivas, mas qual não foi a sua admiração e o seu reconhecimento para com Deus, quando chegaram a casa e encontraram uns pacotes contendo arroz, feijão e mais algumas diversas coisas.

358. Como Deus protege sempre os que n'Ele confiam, pois, de um modo ou de outro, sempre lhes providenciando o que necessitavam durante todo o tempo que não tinham recursos.

359. Depois foram ganhando alguma coisa com as mensalidades das meninas. Como esta casa ficasse um pouco afastada da Igreja, o mesmo senhor que a emprestou, cedeu-lhes outra que ficava mais próxima da Igreja.

360. O dito senhor, que foi sempre muito generoso para com as Irmãs, além do favor de lhes emprestar a casa, fez-lhes outros ainda.

361. Nesta casa continuou a funcionar o novo externatozinho com uma frequência regular.

362. Aos domingos, davam aula de Catequese, ou Catecismo, na Matriz.

363. O pessoal da terra, apesar de não ser mau, era pouco instruído a respeito da religião. Por isso, mesmo em casa, quando tinham oportunidade, as Irmãs instruíam-no nos pontos de religião, conseguindo assim preparar para a Primeira Comunhão, além das crianças, uma moça de 19 anos, numa ignorância crassa a respeito dos rudimentos da nossa religião.

364. Aqui estiveram alguns meses, mas como lhes não fosse garantida a sua permanência nesta terra, devido à sua pequenez, e, além disso, o seu futuro, o Revdo. Vigário de Igarapava, logo que soube da situação das Irmãs, combinou com a Madre Maria da Anunciação Costa (então, Superiora da missão no Brasil) que achou conveniente a transferência das Irmãs para Patrocínio de Sapucaí, Estado de São Paulo.

365. Como já ficou dito, o pessoal de Sant'Ana não era mau e estimava muito as Irmãs, sentindo muito saber que iam ausentar-se.

366. O Revdo. Vigário, sacerdote muito distinto e fervoroso, também lhe custou muito a saída das Irmãs.

367. Efetuaram a mudança no dia 21 de Outubro de 1914. O Revdo. Vigário de Igarapava, Padre Manuel da Costa, conseguiu, por intermédio de dois senhores de grande prestígio e sentimentos muito nobres, colocação para as Irmãs no Patrocínio de Sapucaí.

368. Aí compraram uma casa, sob a condição de a pagarem com as mensalidades das alunas, quando pudessem, visto, na ocasião, não terem recursos para a comprarem.

369. Na viagem das Irmãs para Sapucaí, desde a cidade de Franca, foram acompanhadas pelo Revmo. Padre Conrado (de saudosa memória), então Vigário dessa cidade.

370. Em Sapucaí foram muito bem recebidas. Vários cavalheiros, muitas senhoras e o Revmo. Vigário de lá, um distinto Padre português, aguardavam a sua chegada.

371. O Revmo. Vigário fez uma comovente alocação, dando-lhes as boas-vindas.

372. Nesta casa, encontraram já as Irmãs algum conforto, como víveres, alguma mobília, etc., devido a uma comissão de senhoras que procuraram adquirir o essencial.

373. Os dois senhores de grande prestígio já mencionados foram: o Exmo. Sr. Estêvão Figueiredo e o Exmo. Sr. José Chaves. Este último, muito auxiliou as Irmãs nos princípios deste Colégio. Estas, consultaram-no sempre em todas as dificuldades, manifestando ele sempre a melhor boa vontade.

374. Do mesmo modo, várias senhoras lhes prestaram valiosa proteção na fundação do Colégio e eram para as boas Irmãs como verdadeiras mães. Tais foram: D. Balbina e D. Salomé. Esta última era incansável, ia todos os dias informar-se se as Irmãs necessitavam de alguma coisa. Se acontecia adoecer alguma Irmã, qual mãe solícita lhe proporcionava todo o conforto e, até, por vezes, lhe fornecia os remédios.

375. O Colégio foi inaugurado em Novembro do mesmo ano, ficando com o nome dos nossos santos patronos «Jesus, Maria e José», sendo regularmente frequentado.

376. As Irmãs, além de darem aula de Catecismo na Matriz, todos os domingos, iam também ensiná-lo às crianças nos diversos Bairros da cidade, preparando-as, algumas vezes, para a Primeira Comunhão.

377. Em Abril de 1914, chegaram algumas Irmãs de Portugal, sem que as esperassem. Que agradável surpresa para as que cá estavam!...

378. Quando pelo telefone foram avisadas de que as suas Irmãs já estavam na cidade de Franca, muito próximo de Sapucaí, não se persuadiram de que elas lá estavam. Somente depois de muitas declarações é que deram crédito, mas ficaram muito apreensivas, pois era, certamente, nesse dia que estavam mais desprevenidas. Mas, graças a Deus, poucas horas depois, ficou tudo remediado. O pessoal desta cidade era muito bom e de muita caridade e, além disto, estimava muito as Religiosas, e, como soubessem que não estavam prevenidas para o conveniente acolhimento das Irmãs, procuraram imediatamente providenciar o indispensável, como: camas, colchões, roupas, mantimentos, etc., etc. Alguns dos doadores mais graduados, levavam eles próprios essas coisas ao Colégio, e algumas senhoras preparavam e cozinhavam elas mesmas os alimentos para as Irmãs recém-chegadas que, desde Santos, nada ou quase nada haviam tomado.

379. Conjuntamente, neste grupo, chegaram a Revda. Madre Ana de São José Matos Martins, atualmente Superiora Geral, e a Revda. Madre Margarida Lopes de Almeida, então Superiora Geral Interina, pois como já ficou mencionado, a Revda. Madre Fundadora, simultaneamente Geral, havia falecido.

380. Quando estas chegaram, não tinham ainda em casa Jesus Sacramentado. Andavam dispostas a fazer para esse fim, e, no dia 26 de Julho tiveram a grande satisfação e felicidade de verem realizados os seus tão ardentes desejos com a celebração da Primeira Missa, na Capelinha do Colégio, para a realização definitiva da presença de Jesus Sacramentado entre as Irmãs.

381. Nesse mesmo dia, estando presentes as Superiores das Casas da Congregação, então existentes no Brasil, tomou posse do cargo de Superiora Geral a Revda. Madre Ana de São José Matos Martins, realizando-se determinadamente nesse dia por ser dedicado à sua protetora – Sant'Ana.

382. Estando ainda dispersa a maior parte das Irmãs, a eleição não se realizou como ordenam as Constituições, mas como foi determinado pelo Revmo. Sr. Padre Lapa, Director da Congregação. Enviados os votos a D. Manuel Vieira de Matos, então Bispo da Guarda, a cuja diocese pertencia a Casa Generalícia, no tempo da perseguição religiosa, e que tinha faculdades especiais da Santa Sé para fazer a eleição; depois de examinar qual das Irmãs a mais sufragada declarou a supradita, Madre Ana de São José Matos Martins, a qual não só possui as qualidades que as Constituições requerem, mas, além disso, ainda conserva o espírito primitivo da Santa Fundadora, cujo espírito tem procurado inculcar e conservar em suas súditas.

383. Pouco depois, foi a eleição do Conselho Geral que também não se pôde realizar como mandam as Constituições. Ficaram consultoras as Madres Maria da Anunciação Costa, Margarida Lopes de Almeida e Carlota C. Teixeira.

384. Com a expulsão das Congregações Religiosas de Portugal, foi extinto o nosso Noviciado, existente no Lourçal do Campo, Diocese da Guarda (Portugal), que depois ficou estabelecido no Colégio Jesus Maria José, em Patrocínio de Sapucaí (Brasil), em 1914, com autorização da Santa Sé.

385. Estando ainda viva a nossa Santa Fundadora, escreveu a convidar-me a vir para o Brasil com o primeiro ou segundo grupo de Irmãs. Porém, nessa ocasião, era-me impossível fazer viagem tão longa, devido ao meu estado de saúde, pois estava sofrendo palpitações cardíacas, e por consequência bastante inchada, pelo que respondi que, na ocasião, não podia, mas que viria logo que melhorasse, pois tinha nisso grande prazer.

386. Estava eu, então, em Paramos, Diocese do Porto, quando começou a Revolução de 1910, em Portugal.

387. Os habitantes dessa povoação opunham-se à minha saída, a fim de continuar a administrar o ensino e educação a seus filhos, leccionando os meninos, das 8 da manhã às 11 horas, e, do meio-dia às 5 horas da tarde, as meninas.

388. Duas ou três vezes na semana dava o Catecismo nas aulas. Um professor escolar instaurou um processo contra mim, entregando-o logo ao Juiz. Este, quando se informou do caso e da sua veracidade, chamou algumas testemunhas que depuseram em meu favor dizendo que, se eu ensinava o catecismo, eles mesmo me haviam pedido para o ensinar a seus filhos, pois queriam que eles conhecessem a religião.

389. O dito professor, vendo que o Juiz não dava andamento ao processo, escreveu um artigo no jornal, alegando que o Juiz de Direito da Vila da Feira não cumpria as leis, castigando seus infratores. Que fez o Juiz? Rasgou o processo que tinha contra mim, e instaurou outro contra o professor.

390. Nessa ocasião, a atual Madre Geral e Madre Margarida Lopes de Almeida, irmã da nossa saudosa Fundadora, tinham ido a Poiães do Douro falar ao Exmo. Sr. D. Manuel Vieira de Matos, DD. Arcebispo da Guarda, depois de Braga, a respeito de negócios da Congregação (pois nessa altura já tinha falecido a nossa querida Fundadora). Vieram por Paramos e falaram-me numa Casa que iam fundar no Brasil. Então ofereci-me para vir, desejando que viesse comigo a Irmã que sempre me acompanhou, desde que fomos expulsas até então, e uma moça muito piedosa, em cuja casa estivemos desde Outubro de 1910 até 1913, data em que deixámos aquela boa terra. Sim, boa porque sabia corresponder ao zelo de seu digno Pároco, Padre António Rodrigues Conde.

391. A noite de 2 para 3 de Abril foi passada entre prantos e lamentações, tanto das crianças que educávamos, como de seus pais. Parecia que o mesmo céu queria compartilhar da tristeza destes corações amargurados, pois não cessou de chover até embarcarmos em Esmoriz, às 8 horas da manhã, em direção à cidade de Viseu, onde chegámos às 4 horas e meia da tarde, estando já aí à nossa espera a Revda. Madre Margarida, então Superiora Geral interina. Fomos em diligência, às 5 horas da tarde, para Ribafeita.

392. Tivemos a consolação de aí encontrar a Revda. Madre Ana de São José Matos Martins, que, depois da Revolução, foi companheira inseparável da nossa Santa Fundadora até à sua morte (e hoje é nossa digna Superiora Geral).

393. Mostrou-nos ela o quarto e a cama onde a nossa querida Fundadora havia falecido, o que muito nos sensibilizou. Aí orámos com fervor, pedindo à nossa mãe querida que do Céu velasse por suas filhas e pela Congregação. E com certeza vela e velará, pois lhe pertencem.

394. Estivemos em Ribafeita cinco dias, preparando-nos para a viagem, e, no dia 9, regressámos a Viseu, onde encontrámos novas companheiras de viagem: a Irmã Rosa de Jesus Pereira, a Irmã Maria Santiago e a Irmã Angelina da Conceição Dias.

395. Tinham passagem somente para cinco Irmãs e já estavam seis para a viagem. Determinámos, então, que ficasse a Irmã Rosa de Jesus Pereira, mas ela começou logo a chorar, dizendo: «não me deixem ficar, pois a nossa Fundadora prometeu-me que eu iria também.» «Como é que ela lhe prometeu?» perguntei-lhe eu. «Eu sonhei que estavam indo Irmãs para o Brasil, e chorando eu de pena por não ir, ela disse-me: “não chore, porque também vai.” Por isso, tenho de ir.»

396. Veio até Lisboa, arranjou-se a passagem para ela, e foi a que fez melhor viagem, apesar de ter já 64 anos de idade, e vivendo ainda na data em que faço esta narração, com 82 anos, sempre muito alegre e animada como se fosse moça, é muito edificante.

397. No dia 10 de Abril chegámos a Lisboa, onde estivemos três dias, hospedadas em casa da distinta família Albuquerque.

398. No dia 14, embarcámos no vapor *Avon*, da Companhia Inglesa.

399. Como atrás fica dito, eu estava sofrendo do coração e fui obrigada a consultar um médico no Porto, visto o meu estado de saúde, para ver se poderia viajar no mar. Depois de me examinar e fazer diversas perguntas, o médico disse: «O seu coração está bastante agitado e não deixa de ser perigosa a viagem. Mas, se tem vontade de ir e, se ficar, faz sacrifício, é mais perigoso ficar com pesar do que ir com gosto.»

400. Tendo ido a Poiães falar com o Exmo. Sr. D. Manuel Vieira de Matos, expondo-lhe esta dificuldade, ele disse-me: «Vá, minha filha, vá, a Congregação precisa de si. Por isso vá, lhe torno a dizer, e a sua viagem será toda celeste. Não tema.» E abençoou-me.

401. Foi uma profecia. Eu, que ao menor ruído me assustava e parecia que o coração me saltava do peito, embarquei sem o menor sobressalto.

402. Embarcámos, primeiramente, numa pequena embarcação que nos conduziu ao vapor.

403. O primeiro que tomámos, chocando com um outro, abriu uma fenda, começando a água a penetrar nele. Com dificuldade passámos para o *Avon*, conservando-me na maior calma, contra o meu costume.

404. Começou a viagem a 15 de Abril, pelas 5 horas da tarde, não sentindo eu, em toda ela, a menor alteração nem enjoo. Foi realmente uma viagem toda celeste. Escrevia para os parentes e amigos, tudo o que se ia passando na viagem.

405. Na ilha da Madeira estivemos 6 horas, sendo, porém, pouca a demora no Recife e Bahia.

406. Chegámos ao Recife no dia 28. Foram bem escassos os nossos meios pecuniários, tendo apenas 50\$ fortes. Saímos duas, no Rio de Janeiro, dirigimo-nos a casa de uns irmãos meus que lá estavam estabelecidos, a fim de conseguir deles algum empréstimo para perfazermos as despesas da viagem, o que fizeram da melhor boa vontade.

407. Dormimos na cidade, e, logo no dia seguinte, às 4 horas da tarde, voltámos ao vapor, acompanhadas de uma minha irmã e de meu irmão António.

408. Às 9 horas do dia 29, estávamos em Santos, onde nos esperavam o Revmo. Vigário de São Simão e o Diretor do Seminário de Batatais, Padre João Lemmann. Quando chegaram ao vapor, já nós tínhamos saído e fomos ter com Monsenhor Ladeira, então Vigário de Santos, por ignorarmos que os ditos sacerdotes nos tinham ido esperar. Pouco depois, chegaram, proporcionando-nos grande alegria, pois não conhecíamos ninguém nessa cidade, nem sabíamos para onde nos dirigirmos.

409. Fomos duas à alfândega tratar de despachar a bagagem para São Simão. Como não sabíamos o horário da partida do trem, detivemo-nos mais do que o que devíamos, e, quando chegámos à estação, já as outras Irmãs tinham seguido para S. Paulo com os dois supraditos sacerdotes. Pois estes não podiam perder a viagem porque, no dia 10 de Maio, tinham obrigação de celebrar missa, por ser dia do Corpo de Deus.

410. Embarcámos no 2.º trem para São Paulo. Chegando à estação da Luz, não encontrámos ninguém, nem sabíamos onde encontrar as outras Irmãs. Já toda a gente se havia retirado e nós ali, sem sabermos a quem pedir informações.

411. Estando assim aflitas, dirigiu-se a nós uma família muito distinta, composta de pai, mãe e um moço. Presenciando a nossa preocupação, o moço falou para a sua mãe: «Aquelas Irmãs parecem estar muito aflitas.» Então, aquela senhora perguntou-nos o que tínhamos. Conteí-lhes o embaraço em que estávamos, pois não sabíamos das nossas Irmãs, nem a quem pedir informações delas, pois tínhamos perdido o trem em que elas de manhã partiram.

412. Ela mandou o filho chamar um carregador e um carro, pedindo-lhes que nos levasse às Irmãs da Boa Esperança, na Rua da Consolação.

413. Agradei muito a bondade daquela senhora e partimos.

414. Chegámos ao Colégio e, ao despedir-me do *choufer*, pedi-lhe que, no dia seguinte, às 14 horas e meia, voltasse para nos levar à estação da Luz, onde devíamos embarcar para São Simão, termo da nossa viagem.

415. Batemos à porta. A Irmã que abriu ficou muito incomodada por não nos poder acolher aquela noite e foi dar parte à Superiora. Ao voltar, vinha muito triste e eu fiquei muito aflita. Disse ela que a Superiora não nos podia dar acolhimento sem ordem do Sr. Arcebispo, D. Duarte Leopoldo. Que, só indo nós pedir-lhe.

416. Como não conhecíamos o Sr. Arcebispo, nem sabíamos onde morava, e assim desprotegidas, eu e a minha companheira ficámos consternadíssimas, e eu disse à Irmã porteira: «Se Jesus Maria José não tiveram quem os recebesse, nós que lhes pertencemos, bom é que partilhemos um pouquinho do que Eles passaram.»

417. Mas os nossos valiosíssimos protetores melhoraram logo a nossa triste situação. Apareceu logo de repente uma senhora que vinha da Igreja, a qual perguntou à porteira o que é que nós queríamos. Ela contou-lhe que éramos duas Religiosas estrangeiras e que desejávamos ficar aquela noite no Colégio, mas que a Superiora não podia receber sem licença do Sr. Arcebispo.

418. A dita senhora teve muita pena de nós e foi conosco ao Sr. Arcebispo, que nos recebeu com muito carinho, e depois de nos ouvir disse: «Minhas filhas, Nosso Senhor permitiu isto para mérito das Irmãs e para receberdes a bênção do vosso Arcebispo, antes de dardes início às vossas funções. Isto é um bom sinal.»

419. Estava o Sr. Arcebispo dando ordens ao seu Secretário, Monsenhor Benedito de Sousa (hoje, Bispo do Espírito Santo) para nos mandar para as Religiosas de S. Vicente, quando as Irmãs da Boa Esperança telefonaram para que nos mandassem para sua casa, e a Superiora recebeu-nos com todo o carinho, fazendo-nos ver o motivo de ter procedido como fica dito. Disse que tinham andado lá dois homens vestidos de hábito para verem se ficavam em alguma casa religiosa, mas que foram descobertos. Por isso é que estavam com receio, por não nos conhecerem.

420. Embarcámos no dia seguinte, e somente em Campinas é que encontrámos as nossas Irmãs, com grande contentamento de todas, chegando, nesse mesmo dia, 30 de Abril, a São Simão, onde fomos recebidas por uma Comissão de distintas senhoras.

421. Tomámos a direção do Asilo de Órfãos (Dr. José Júlio) que, até essa data, esteve entregue a uma senhora.

422. Tomámos a nosso cargo as aulas de Catecismo da Matriz e regíamos o coro da mesma, auxiliando o Vigário em tudo o que podíamos.

423. Este Asilo era muito pequeno. Por esse motivo, nos primeiros meses, estávamos bem mal acomodadas, devido a serem pequenos os aposentos e à falta de meios pecuniários.

424. Passado algum tempo, conseguimos que fizessem um pequeno aumento na casa e uma Capela razoável. Porém, como fossem bem diminutos os recursos de que a Diretoria do supradito Asilo dispunha para a sua manutenção, apesar dos muitos esforços e trabalhos que as Irmãs empregaram na sua conservação, veio quase a findar-se.

425. As pessoas que mais deviam animar as Irmãs na conservação deste, como eram, o Vigário, eram as primeiras a desanimá-las. De modo que, se não fosse a grande energia das Irmãs, a sua abnegação e muito boa vontade, o Asilo já há muito teria acabado. Até chegou mesmo a ser resolvido fecharem-no, estando já determinadas as casas que deviam receber as órfãs.

426. A Revda. Madre Superiora, informada por pessoas íntimas do facto supradito e ciente da determinação do Revdo. Vigário, que deviam fechar o Asilo, devido à escassez de meios pecuniários, veio comunicar à Revda. Madre Geral a determinação do Vigário.

427. A Revda. Madre Geral e o seu Conselho não concordaram com esta decisão. Resolveram manifestá-la ao seu Prelado, D. Alberto, declarando-lhe, simultaneamente, quererem experimentar por algum tempo, to mando as Irmãs toda a responsabilidade do Asilo.

428. O Sr. Bispo pareceu ficar sensibilizado com as condições do Asilo e a narração do sucedido, ordenando em seguida que o Asilo ficasse unicamente aos cuidados das Irmãs, ocupando-se o Revdo. Vigário da parte relativa ao espiritual do Asilo. E, graças a Deus, o Asilo além de permanecer até ao presente, tem ainda melhorado consideravelmente.

429. A primeira casa estava num local baixo, insalubre e quase em ruínas, e, por meio de esmolas angariadas pelas Irmãs, conseguiram uma boa casa num dos melhores pontos da cidade e perto da Igreja.

430. As Irmãs começaram a relacionar-se com algumas pessoas da cidade e das fazendas, a quem pediam uma coadjuvação, um auxílio, e sempre eram bem sucedidas. Auxiliava muito as Irmãs no peditório, um empregado português, angariando, pelas fazendas, víveres para o Asilo, continuando até ao presente a interessar-se pelo Asilo com todo o zelo e fervor, como coisa própria.

431. Com grande trabalho e esforço se conseguiu efetuar a compra da casa por 15 contos, mas tendo de reformar-se e acomodar-se. Ao fim despendeu-se nela mais de 10 contos, e graças a Deus Nosso Senhor, tudo se liquidou a seu tempo, no que se manifestou mais uma vez a intervenção divina a favor deste Asilo.

432. Patenteou-se igualmente a bondade divina, recompensando tão liberalmente as boas Irmãs, que tão denodadamente trabalharam angariando, de cidade em cidade, donativos e subsídios para o fim de suas tão justas aspirações.

433. Cientes de que o Conde Matarazo, morador em S. Paulo, ia dispor de alguns contos de rs. a favor de algumas Casas de Beneficência, e sendo aconselhadas as Irmãs a irem também solicitar dele algum subsídio, para lá se dirigiram propositadamente.

434. Foi com grande dificuldade que conseguiram falar ao Conde sobre o assunto, permitindo Deus que, desta vez, nada conseguissem. Mas, depois de grande insistência, obtiveram 100\$000 para a viagem.

435. À saída do escritório, nesta triste conjuntura, recorreram a Jesus Maria José e dirigiram-se à casa de um senhor seu conhecido, natural de S. Simão (Sr. Teodomiro Ramos) e obtiveram desta vez o despacho de seus desejos, um auxílio de 3.000\$000, conseguindo ainda angariar na cidade 1.000\$000.

436. E assim, à custa de muita abnegação e sacrifícios, que só Deus sabe, conseguiram as Irmãs a meta dos seus desejos, «uma casa confortável com uma espaçosa capela», para as queridas órfãs, dando o maior impulso a esta tão árdua empresa, a Revda. Madre Mendes, então Superiora deste Asilo, abrangendo em seu grande coração uma fé ardente e inabalável confiança, motores, sem dúvida, de seu tão raro expediente.

437. Possuía, também, vigorosa energia e tática pouco vulgares, além de outras muitas qualidades.

438. Neste Asilo, já têm sido criadas e educadas muitas crianças, e várias delas têm abraçado o estado religioso.

439. Como já foi dito, nos primeiros anos, as Irmãs tinham também a seu cargo o coro da Matriz. Mas a Revda. Madre Geral e o seu Conselho, acharam melhor não continuarem, por ser motivo de distração e outros inconvenientes, continuando ainda com as aulas de Catecismo como no início.